

EDUCAÇÃO MUSICAL EM ENSAIOS ON-LINE: DESAFIOS E EXPERIÊNCIAS DE “COROS VIRTUAIS” EM TEMPOS DE PANDEMIA

Musical education in online rehearsals: challenges and experiences in “virtual choirs” in times of pandemic

La educación musical en los ensayos online: desafíos y vivencias de los “coros virtuales” en tiempos de pandemia

ANA LÚCIA IARA GABORIM-MOREIRA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
ana.gaborim@ufms.br

ALEX BARBOSA DE LIMA
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
alex.barbosa@ufms.br

Resumo: Neste artigo, discorremos sobre desafios e experiências da prática coral, analisando os processos de ensino e aprendizagem nos chamados “coros virtuais”, isto é, grupos que realizam sua prática músico-vocal através das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Esse formato coral a distância, que se estabeleceu durante a pandemia, foi observado em ensaios de coros com distintos perfis e em eventos *on-line* voltados à formação de regentes, abrangendo discussões em grupos e em redes sociais, dentre outros recursos digitais e internéticos que já são fontes geradoras de conhecimento e troca de experiências características da atual conjuntura. Em uma pesquisa qualitativa, pautada na observação participante, conectamos os fatos apresentados com estudos embasados em referenciais teóricos da área de psicologia; analisamos as estratégias de ensino musical desenvolvidas pelos regentes (enquanto educadores) e os processos de aprendizagem dos coralistas (enquanto alunos) à luz dos conceitos de motivação, autoeficácia e autorregulação. Como complemento, para que pudéssemos ter dados quantitativos esclarecedores acerca dos fatos que ainda estamos vivenciando, analisamos as respostas de um *survey* realizado por regentes brasileiros, com a participação de coralistas – o que se caracteriza como pesquisa social. Assim, procuramos trazer reflexões atuais à área de educação musical e propor caminhos para a atuação de regentes-educadores, por meio dessa nova forma de se fazer e de se pensar o canto coral.

Palavras-chave: Coro virtual. Ensino e aprendizagem coral. Regente-educador.

Abstract: In this article, we discuss challenges and experiences of choral practice, analyzing the teaching and learning processes in “virtual choirs”, that is, groups that carry out their musical-vocal practice through information and communication technologies (ICTs). This long-distance choral format, which was established during the pandemic, was observed in choir rehearsals with different profiles and in online events aimed at training conductors, including discussions in groups and in social networks, among other digital and internet resources that are already being used as sources of knowledge and exchange of experiences characteristic of the current conjuncture. In a qualitative research, based on participant observation, we connected the facts presented with studies based on theoretical references in the field of psychology; we analyze the musical teaching strategies developed by the conductors (as educators) and the choristers’ learning processes (as students) in the light of the concepts of motivation, self-efficacy and self-regulation. As a complement, so that we could have clarifying quantitative data about the facts that we are still experiencing, we analyzed answers from a survey carried out by Brazilian conductors, with the participation of choristers – which is characterized as social research. In this way, we aimed to bring current reflections to the area of music education and to propose ways for the performance of conductors-educators, through this new way of doing and thinking about choral singing.

Keywords: Virtual choir. Choral teaching-learning. Teacher-conductor.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara; LIMA, Alex Barbosa de. Educação musical em ensaios on-line: desafios e experiências de “coros virtuais” em tempos de pandemia. *Revista da Abem*, v. 30, n. 1, e30108, 2022.

Resumen: En este artículo discutimos desafíos y experiencias de la práctica coral, analizando los procesos de enseñanza y aprendizaje en los llamados “coros virtuales”, es decir, agrupaciones que realizan su práctica músico-vocal a través de las tecnologías de la información y la comunicación (TIC). Este formato de coro a distancia, que se instauró durante la pandemia, se observó en ensayos de coros con distintos perfiles y en eventos en línea destinados a la formación de directores, incluyendo discusiones en grupos y en redes sociales, entre otros recursos digitales y de internet que ya son fuentes de información, conocimiento e intercambio de experiencias propias de la coyuntura actual. En una investigación cualitativa, basada en la observación participante, relacionamos los hechos presentados con estudios basados en referenciales teóricos en el campo de la psicología; analizamos las estrategias de enseñanza musical desarrolladas por los directores (como maestros) y los procesos de aprendizaje de los coreutas (como estudiantes) a la luz de los conceptos de motivación, autoeficacia y autorregulación. Como complemento, para que tuviéramos datos cuantitativos esclarecedores sobre los hechos que aún vivimos, analizamos respuestas de un *survey* realizado por directores brasileños, con la participación de coreutas, que se caracteriza como una investigación social. De esta forma, buscamos traer reflexiones actuales al área de la educación musical y proponer caminos para la actuación de los directores-educadores, a través de esta nueva forma de hacer y pensar el canto coral.

Palabras clave: Coro virtual. Enseñanza y aprendizaje coral. Maestro-director.

INTRODUÇÃO

No início de 2020, diante de uma realidade totalmente desconhecida e inesperada, o canto coral foi uma das práticas musicais mais impactadas pela imposição do isolamento social, sobretudo por ser uma atividade essencialmente realizada em grupo. E, em meio a tantas incertezas, foi preciso tomar novos rumos para que essa prática pudesse ser desenvolvida com segurança, isto é, sem colocar os coralistas em risco de contaminação pelo coronavírus.

Em artigo publicado na Alemanha, ainda nos primeiros meses de pandemia, Kähler e Hain¹ (2020, p. 1) buscaram descrever um panorama geral da situação coral no mundo:

Cantar e fazer música são atividades maravilhosas que encantam muitas pessoas, seja em um pequeno círculo de amigos, na igreja com a comunidade, em eventos festivos ou em grandes concertos. Em tempos de SARS-CoV-2, no entanto, os tempos tranquilos para o fazer musical terminaram. Não podem ocorrer concertos, não é permitido cantar junto em igrejas e até mesmo celebrações em pequenos círculos são proibidas em alguns lugares. Essas restrições foram aplicadas pois, no início de março de 2020, muitos cantores dos EUA, da Alemanha, dos Países Baixos e da França foram presumivelmente infectados durante ensaios de coros. Devido à correlação entre canto e infecção, uma conexão causal foi suspeitada, embora a mesma não tenha sido comprovada.

Embasados em estudos e experimentos realizados com cantores e instrumentistas, os mesmos autores procuraram então traçar um roteiro de biossegurança para os ensaios dos coros: uma **distância de segurança de pelo menos 1,5 m** entre os coralistas, com uma **disposição escalonada** dos

¹ Professores do Instituto de Mecânica dos Fluidos e Aerodinâmica, da Universität der Bundeswehr München.

cantores; o uso de **máscara respiratória com filtragem de partículas**, para prevenir infecção por gotícula; **sala de ensaio ampla** (suficientemente alta) com **ventilação boa e adequada** e atenção ao **comportamento social**, evitando cumprimentos com beijos e abraços (Kähler; Hain, 2020, p. 3-6, grifo nosso). Outros estudos com conclusões semelhantes foram publicados em distintos países,² nesse mesmo período, incluindo advertências ao **tempo de ensaio**, que deveria ser reduzido (em torno de 1 hora, no máximo) e estabelecer **intervalos** (cerca de 20 minutos) para a circulação de ar no ambiente, e, ainda, a orientação de **não compartilhar objetos** normalmente utilizados nos ensaios – tais como lápis, partituras e garrafas de água.

Todavia, considerando a dificuldade de se atender a todos esses quesitos mantendo a qualidade sonora do grupo e, além disso, levando em conta o risco de contaminação dos coralistas ao saírem de suas casas, foi preciso que muitos coros interrompessem temporariamente seus encontros presenciais e apresentações, atendendo às determinações dos órgãos públicos de saúde. Isso resultou em um “profundo impacto artístico, cultural, espiritual, emocional e social” mundial (Gregson; Watson; Orton; Haddrell; McCarthy; Finnie; Gent; Donaldson; Shah; Calder; Bzdek; Costello; Reid, 2021, p. 2) e levou muitos coralistas a abandonarem seus coros. Afinal, como pontua o regente Eduardo Lakschevitz (2020, p. 2), em artigo escrito em maio de 2020,

tudo o que construímos depende de juntar pessoas, o que fazemos basicamente em dois momentos: internamente (regentes, cantores, preparadores, instrumentistas etc.) e na nossa relação com o mundo (público, produção etc.). A profissão do regente coral depende da aglomeração de pessoas, exatamente o que foi colocado em risco pelas regras do distanciamento social em vigor.

Outros coros não suspenderam suas atividades, mas precisaram adaptar drasticamente suas rotinas e suas estruturas como medidas de emergência para reduzir o risco de proliferação da doença e também reduzir a possibilidade de afastamento de seus membros. No mês de junho de 2020, a American Choral Directors Association (ACDA) publicou um documento com algumas diretrizes para o trabalho coral, elaborado por um comitê especial de enfrentamento à Covid-19. Nele, os regentes enfatizavam: “Não temos recomendações adequadas sobre como avaliar o risco no canto coral neste momento” (American Choral Directors Association, 2020, p. 6, tradução nossa). No entanto, o comitê incentivava os regentes a continuarem realizando seus ensaios, priorizando a sua segurança e a de seus cantores: “Encorajamos você a garantir diligentemente que todos os cantores tenham igual acesso para participar plenamente em seus programas, entendendo que, para muitos, o coro

² Tais estudos foram compilados na cartilha *O cantor lírico e a COVID-19*, elaborada pela Comissão de Saúde do Cantor Lírico do Fórum Brasileiro de Ópera, Dança & Música de Concerto ([2020]). Esse material foi distribuído gratuitamente pelas redes sociais.

é sua rede de segurança, sua fonte de bem-estar emocional e apoio” (American Choral Directors Association, 2020, p. 6, tradução nossa). Ressaltam-se, aqui, as funções psicológicas do canto coral, sobretudo em tempos de angústia e insegurança trazidas pelo isolamento e pelo medo da doença. Essas funções nem sempre foram reconhecidas pelo público em geral, não obstante sua importância na área de desenvolvimento socioafetivo; porém, parecem ter sido destacadas no período da pandemia, como bem ressalta Lakschevitz (2020, p. 3): “É hora de olhar a atividade do regente coral pelo ângulo das relações pessoais [...]. É preciso compreender com mais profundidade as pessoas, a construção de suas relações dentro de um coro, bem como [...] as relações entre a atividade coral e a sociedade de forma mais ampla.”

Nesse contexto, e entendendo a importância de se manter a atividade coral diante da situação de pandemia, regentes corais de várias partes do mundo começaram a se organizar e a promover eventos *on-line* para discutir estratégias de condução do trabalho a distância, tendo em vista uma instantânea adaptação da rotina de ensaios. A exemplo disso, pode-se citar o Conversatorio Coral,³ uma iniciativa do festival de coros argentino CantaPueblo, que reuniu 80 regentes de dez diferentes países da América Latina e Europa, preocupados, sobretudo, com o impacto econômico da paralisação das atividades corais – considerando que a regência de um coro (ou mais coros) é a fonte de subsistência para muitos regentes ao redor do planeta.

No Brasil, os encontros virtuais de regentes começaram a despontar, tornando-se cada vez mais frequentes e congregando profissionais de todo o país. Além do compartilhamento de conhecimentos, materiais e experiências na área coral, percebeu-se a necessidade de discutir sobre o “estado da arte” e, ao mesmo tempo, refletir sobre o futuro da atividade, uma vez que muitos coralistas estavam desistindo de participar de seus coros. Assim, foram organizados fóruns, cursos, rodas de conversas, simpósios, *lives*, dentre outros eventos *on-line*.⁴ Nesse movimento, os “coros virtuais” começaram a surgir, fazendo uso de tecnologias diversas: plataformas de videoconferências para realização dos ensaios (Zoom, Meet, Teams, Whereby, Jamulus, Songster, entre outras); gravações de áudios para estudo individual dos coralistas; comunicações por aplicativos para celulares, como WhatsApp ou Telegram; compartilhamento de partituras por *drives* (geralmente, nos provedores Google ou Microsoft), dentre outras ferramentas.

³ O evento, realizado no mês de abril de 2020, foi divulgado na página do CantaPueblo na rede social Facebook (CantaPueblo, 2020); o documento elaborado a partir das discussões foi disponibilizado aos participantes, enviado por correio eletrônico.

⁴ Como exemplos, podemos citar o Congresso Internacional da Associação Brasileira de Regentes de Coros (ABRACO), o Fórum Virtual de Regentes Corais, que originou o Congresso Internacional de Música Coral Infanto-juvenil (CIMUCI), o Congresso de Música nas Igrejas, o Painel de Música e Regência Maestro Carlos Alberto Pinto Fonseca, a Semana de Canto Coral Henrique de Curitiba, o Congresso Presto de Canto Coral e diversos Festivais de Coros Virtuais, por todo o Brasil.

Ainda à guisa de introdução, é importante salientar que há diversos estudos, relatos e pesquisas sobre questões específicas da regência coral enquanto área de performance, bem como trabalhos sobre canto coral de caráter etnográfico⁵ (como Hauck-Silva, 2012; Junker, 2010; Moraes, 2015; Schmelling, 2005; Souza Lima, 2007), realizados antes da pandemia. Esses trabalhos científicos denotam as peculiaridades e especificidades do canto coral em modo presencial, de acordo com o local onde essa prática se realiza, bem como seus objetivos e o público que atende. Em 2011, um trabalho publicado por Fucci Amato já preconizava a prática coral *on-line*, trazendo os resultados de ensaios realizados pela plataforma Skype – que a autora denominou “tele-ensaio coral” ou “ensaio coral a distância (ECaD)”. Nesse artigo, Fucci Amato analisa os pontos positivos e as restrições oferecidas por essa modalidade, e destaca que, embora esse recurso possibilite que regentes e cantores geograficamente distantes vivenciem a prática coral simultaneamente, e que os resultados publicados tenham um grande alcance de público, há limitações relativas à percepção e ao controle do regente sobre a dinâmica de ensaio e sobre a performance dos coralistas. Assim, nessa perspectiva, Fucci Amato (2011, p. 531, grifo da autora) afirma: “Não se pode prever que o *tele-ensaio* tenha possibilidade, nas condições tecnológicas atualmente disponíveis ao usuário comum dos meios eletrônicos, de substituir os ensaios presenciais”. A autora ainda pontua que, mesmo com recursos digitais e tecnológicos que podem ser utilizados como ferramentas de estudo e aprendizagem coral, “a precisão técnica de percepção e correção de falhas e a maior segurança dos cantores [...] são, entretanto, virtudes do ensaio presencial” (Fucci Amato, 2011, p. 531).

Contudo, até onde pudemos verificar, ainda são poucos os trabalhos aprofundados de pesquisa sobre a natureza dos “coros virtuais” ou que apresentem análises consolidadas de resultados obtidos durante a pandemia, conforme apontam Montejano Hernández e Rojas Pedraza (2020, p. 158, tradução nossa): “Os efeitos do distanciamento social estão apenas começando a ser estudados e os movimentos surgidos a partir do fenômeno mundial são, ainda, motivo de futuras investigações.” Por esses motivos, nossa pesquisa bibliográfica sobre o tema apresentado até este ponto é bastante limitada e inclui dados de pesquisa empírica, para que se possa compreender o contexto em que o trabalho coral se realiza.

Discorreremos, a seguir, sobre algumas particularidades do canto coral que merecem ser destacadas, para que se caracterize o objeto de estudo de nossa pesquisa.

⁵ De acordo com Angrosino (2009, p. 16), a etnografia “é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades”, e “envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo” – conceito que se aplica à pesquisa em canto coral.

CANTO CORAL E EDUCAÇÃO MUSICAL

A prática coral pressupõe um processo de ensino-aprendizagem que parte essencialmente do fazer musical em conjunto. Esse processo se regula e se intensifica conforme a necessidade de aprendizado de seus integrantes, considerando que a prática coral abrange grupos amadores e profissionais. O regente é o líder desse processo, portanto, sua função de educador consiste em levar seus coralistas a cantar de forma saudável, esteticamente coerente e tecnicamente equilibrada em relação ao som do grupo; em ensinar ou aperfeiçoar os elementos musicais necessários à leitura e execução do repertório, de acordo com o nível de conhecimento musical de seus coralistas; em conduzir a interpretação do grupo, construindo a performance de acordo com o estilo/gênero e grau de dificuldade da peça em estudo, buscando expressividade por meio do canto. Ainda nesse processo, privilegia-se a socialização entre seus integrantes, sendo que cada coralista tem compromisso com a construção de resultados. Silva (2014, p. 166), nesse sentido, corrobora que

o Canto Coral se configura como um espaço privilegiado do fazer musical e de constituição do sujeito, pois permite que se vivenciem essas experiências em um cenário assegurado pela presença do(s) outro(s), que se estabeleçam laços e identificações, que se aprofundem conhecimentos e repertórios musicais, além do sentimento ligado à ordem do prazer, da autorrealização proporcionada por ensaios e apresentações.

Quando um coro se firma sobre objetivos bem delineados, um bom planejamento – a curto e a longo prazo – e conta, ainda, com a atuação de um regente capacitado – enquanto educador, líder e artista –, fica evidente o desenvolvimento biopsicossocial, cognitivo e, obviamente, musical de seus participantes, no decorrer dos ensaios. A rotina de um ensaio coral geralmente envolve a preparação corporal, mental e especificamente vocal – conhecida como “aquecimento”; o solfejo e a leitura musical (conforme as necessidades e o perfil do grupo) que incluem a percepção rítmica, melódica e harmônica, e o estudo do texto – em seus elementos fonéticos e semânticos. A construção do repertório a ser interpretado pelo grupo pode abranger, ainda, elementos cênicos e performáticos, bem como o estudo de questões culturais, estéticas, históricas, estilísticas e/ou políticas, e seu aprimoramento técnico é alcançado gradativamente. Nos ensaios presenciais, o regente se concentra em construir a sonoridade do grupo, algo que não é possível de se obter nos ensaios *on-line*,⁶ e que consiste no grande diferencial entre um e outro tipo de ensaio.

Por fim, a rotina de um coro geralmente culmina em uma apresentação pública – o que é bastante característico da atividade coral – onde se apresentam os resultados do trabalho. No decorrer dos ensaios, coralistas tendem

⁶ Já há alguns experimentos tecnológicos nesse sentido, mas além de serem de difícil acesso aos regentes brasileiros, não reproduzem, com a mesma qualidade timbrística, o som acústico das vozes.

a criar expectativas em relação a essa(s) apresentação(ões), onde poderão demonstrar os frutos de sua aprendizagem para família e amigos. Nesse sentido, Santos e Vale (2018, p. 28) corroboram: “A despeito dos diversos objetivos que um coral possa ter, em um maior ou menor grau de importância atribuído aos resultados musicais do grupo, existe uma profunda e inseparável relação entre o processo de aprendizagem e os resultados.” Porém, durante a pandemia, não havia a possibilidade de se realizar apresentações em modo presencial, então os “vídeos-mosaico” – gravados por cada coralista em sua própria casa – se tornaram o modo mais seguro de se apresentar os resultados de um grupo. Nesse panorama coral virtual, surge então um novo ator, que é o editor de áudio/vídeo, responsável por fazer acontecer exatamente o que não é possível nos ensaios *on-line*: a junção das vozes (embora, muitas vezes, o próprio regente assuma ainda mais essa função). Diversos programas passaram então a fazer parte do universo coral (Audacity, Soundtrap, Reaper, Filmora, Da Vince Resolve, Movavi) e a exibição dos vídeos pelas redes sociais como YouTube, Facebook e Instagram se tornou tão frequente quanto os tradicionais festivais de coros, que automaticamente se converteram para o formato virtual.

Podemos então afirmar que a prática coral tem um *modus operandi* próprio, com idiossincrasias que foram sendo adaptadas durante a pandemia. Nessa direção é que as discussões virtuais de regentes foram mais fomentadas, trazendo-nos indicativos de que a prática coral começava a se reinventar, com novos procedimentos, estruturas e conceitos. Os autores deste artigo organizaram e participaram de muitos eventos virtuais dessa natureza, e perceberam a necessidade de investigar e registrar esse momento crucial do canto coral, que reflete os acontecimentos históricos e mundiais. Assim, desenvolveu-se a observação participante como procedimento de pesquisa com abordagem qualitativa. Marietto (2018, p. 7-8) nos esclarece que esse procedimento “permite ao pesquisador utilizar o contexto sociocultural do ambiente [...] para explicar os padrões observados de atividade humana”. Segundo o autor, na observação participante, o pesquisador se insere no grupo observado, como parte dele, e produz uma “descrição densa” da interação social, obtendo “uma compreensão profunda de um tema ou situação particular por meio dos significados atribuídos ao fenômeno pelos indivíduos que o vivem e experimentam” (Marietto, 2018, p. 8).

Todavia é preciso considerar que, para aqueles regentes corais que tiveram sua formação essencialmente prática,⁷ focada na construção do gestual e pautada em ensaios presenciais, a transição para o modo virtual não se deu tão facilmente. Além de traçar novos objetivos e reverter as expectativas acerca dos resultados – sem perder de vista a função educativa do coro – os regentes precisaram rapidamente aprender a dominar as novas

⁷ É comum ouvirmos, entre os regentes corais, a expressão “reger se aprende regendo”. Nesse sentido, o professor Marco Antonio Ramos (2003, p. 21), em sua livre docência, ressalta a ênfase prática que se dá à formação do regente: “Ensinar regência coral é promover uma imersão no meio, seja estudando, regendo, cantando, ensinando, tocando, administrando, ou quantas mais atividades paralelas o ambiente coral propicie e necessite.”

TICs – algo que já estava sendo paulatinamente incorporado à dinâmica de ensaios, antes da pandemia.⁸ Santos, em sua dissertação de mestrado publicada em 2019, apresentou diversas propostas para a utilização de TICs a fim de otimizar o tempo reservado para os ensaios, propiciando uma aprendizagem interativa e favorecendo a comunicação no coro – abordagem essencial para adaptar os ensaios para o modo virtual. O autor já ressaltava: “Não há interesse em se substituir o presencial pelo virtual” (Santos, 2019, p. 125). Porém, apesar de se apresentarem como uma possibilidade inovadora e incipiente, esses novos procedimentos não se mostravam imprescindíveis e não estavam ao alcance da maior parte dos regentes antes da pandemia – pelo menos em nosso país.

É importante ponderarmos, ainda, que o ensino virtual ou a distância (EaD), englobando as TICs e as ferramentas digitais, já era uma tendência da educação musical há mais de duas décadas (como apontam Cunha, Martins, 1998; Gohn, 2010, 2014; Krüger, 2006; Leme, 2006; Schramm, 2009) e constituía uma discussão que gradualmente ia ganhando espaço nas reuniões acadêmicas – embora tivesse sido pouco experimentado em ensaios corais. Entre os textos que abordaram essa temática publicados no Brasil, destacamos aqui a contribuição de alguns autores que já previam a expansão do uso de TICs na educação musical na última década. Beltrame, em 2013, afirmava: “As fronteiras entre o ensino presencial e o ensino *online* podem se tornar cada vez menores, sendo a utilização de modelos mistos (presencial e a distância) uma prática já em utilização por alguns recursos e em constante crescimento” (Beltrame, 2013, p. 13). Em 2014, Amorim e Marins (2014, p. 2) classificavam as “novas tecnologias e novas mídias como material didático a ser empregado”, porém consideravam que havia uma lacuna em relação às pesquisas que investigassem a utilização dessas tecnologias digitais no ensino musical. Cernev (2015, p. 183), em outro enfoque trazido por sua pesquisa de doutorado defendida em 2015, já previa que essa transição não seria algo tão simples de se realizar, e já apontava que “as relações entre as TICs e a educação são complexas e abrangentes. São processos de aprendizagem que requerem atitudes, apropriações e reflexões em todos os níveis de conhecimento.”

O que não se imaginava, entretanto, é que o ensino *on-line* se firmaria como a possibilidade mais usual de realização coral em uma conjuntura pandêmica e que novos grupos surgiriam já com essa configuração. E assim, de maneira abrupta, “do palco, passamos para a telinha, e o tradicional formato de semicírculo, aos poucos, se tornou um ‘mosaico’” (Gaborim-Moreira, 2020, p. 4), transformando o “coro virtual” na forma mais segura (ou menos arriscada) de se cantar em conjunto.

⁸ É importante destacar que o conceito de *virtual choir* já se estabeleceu há pelo menos uma década, sendo que sua criação é atribuída ao regente Eric Whitacre (cf. <https://ericwhitacre.com/the-virtual-choir>).

CANTO CORAL E PSICOLOGIA: MOTIVAÇÃO NO “CORO VIRTUAL”

Diante de todas as questões colocadas até este ponto, podemos considerar que a pandemia destacou a função social do líder coral, diante de todas as adversidades que se apresentaram – o que podemos denominar “regente-resiliente”. “Resiliência”, palavra advinda do inglês *resilience* e originada no latim *resilio*, significa a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar às mudanças; em outras palavras, possuir elasticidade, ser flexível – assim como deve ser, plenamente, o exercício da regência: seguir adiante diante dos obstáculos e imprevistos, e incentivar o grupo a superar, reconstruir, reorganizar, refazer, repensar, continuar, mesmo com todos os desafios e dificuldades. Porém, tendo passado mais de um ano nessa situação de pandemia, e com muitos coros ainda funcionando em modo remoto, os regentes têm de enfrentar ainda um outro desafio, que é manter seus coralistas motivados para participarem do coro. É nesse sentido que continuaremos nossa discussão neste artigo, embasados por referenciais teóricos da área de psicologia.

Schwartz (2014, p. 16) explica que o conceito de motivação pode ser entendido na psicologia como as “razões pessoais que consciente ou inconscientemente orientam a atividade das pessoas em direção a alguma meta”. Segundo a autora, “motivação” é uma palavra que muitas vezes utilizamos para tentar explicar ou compreender o porquê de uma determinada ação, que implica determinadas escolhas pessoais. Essas escolhas, por sua vez, podem ser explicadas/compreendidas por determinantes sociais, cognitivos, afetivos. No contexto de ensino-aprendizagem, a autora aponta alguns aspectos que podem interferir para a motivação dos alunos: “O modo de iniciar a aula, as interações do professor com os alunos e as que acontecem entre eles, o modo de propor as atividades, a explicitação dos critérios avaliativos e a coerência desses com a prática docente” (Schwartz, 2014, p. 17).

Transpondo essas considerações para o contexto coral, equiparamos “professor” a regente, “alunos” a coralistas e “aula” a ensaio, e assim é possível refletir sobre o modo como se concebe o ensaio coral, em uma visão psicopedagógica. Refletindo, ainda, sobre os quatro pilares da educação (Delors; Al-Mufti; Amagi; Carneiro; Chung; Geremek; Gorham; Kornhauser; Manley; Quero; Savané; Singh; Stavenhagen; Suhr; Nanzhao, 1998), segundo a Unesco – aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer e aprender a fazer –, é possível que o regente analise sobre quais pilares tem estruturado seus ensaios corais, desde o momento em que eles se iniciam – ou mesmo antes deles, isto é, no seu planejamento. Assim, enquanto regentes, nos questionamos: como os coralistas são recebidos para o ensaio (somos receptivos?); como interagimos com eles (procuramos conhecê-los melhor?) e como eles interagem entre si (damos oportunidades para que eles expressem suas emoções, sentimentos, opiniões? Separamos um tempo para que eles possam trocar ideias e experiências?); como organizamos a sequência de atividades inerentes a um ensaio (a preparação corporal e vocal, leitura e execução do repertório, por exemplo, são interessantes e adequadas?); como conduzimos a aprendizagem musical (é coerente com o nível de aprendizagem e perfil dos coralistas?), de que modo avaliamos os resultados (conseguimos

alcançar a qualidade artística/sonora/vocal que almejamos?); por que alguns integrantes desistem de participar do coro?... E, diante dessas colocações, perguntamo-nos, enfim, de que forma motivamos nossos coralistas, para que eles continuem empenhados em participar do coro, mesmo no formato virtual.

Na perspectiva da educação e da cognição musical, a motivação, segundo Araújo (2015, p. 45), “é um elemento psicológico fundamental para quem vivencia a experiência musical e, sem dúvida, o elemento que garante a qualidade do envolvimento do indivíduo nesse processo”. No “coro virtual”, inferimos que a motivação para participar dos ensaios pode advir de vários fatores – intrínsecos ou extrínsecos à atividade coral – como, por exemplo, o sentimento de pertença (ou de pertencimento) a um grupo, mesmo estando fisicamente distante das pessoas. Kohlrausch (2015, p. 77) considera que “o fato de se sentir pertencente ao grupo, de gostar e importar-se com as pessoas que dele participam [...] é uma força a mais que impulsiona o indivíduo a ir aos ensaios e apresentações e superar desafios”. Há outros fatores extrínsecos a serem considerados, levando em conta o contexto pandêmico: o ensaio pode ser uma forma de “fugir” das tarefas domiciliares rotineiras, uma vez que as pessoas estão passando mais tempo em casa; ser uma forma de aliviar o estresse, considerando todos os estados emocionais negativos trazidos pela Covid-19 (medo, angústia, insegurança, ansiedade, depressão); ser uma forma de terapia, encontrando esperança e positividade; ser uma forma de aprender a cantar ou de manter a voz ativa, para a manutenção da saúde vocal; ser uma forma de se expressar artisticamente, o que podemos considerar como uma necessidade natural do ser humano – e que tem sido tão negligenciada em nossos dias. E, obviamente, ser uma forma prazerosa de se aprender música ou adquirir conhecimentos técnico-vocais – algo que não é oportunizado para muitas pessoas em nosso país.

Ponderando sobre este último fator, consideramos que o processo de aprendizagem musical é inerente aos ensaios, e o coro constrói sua performance à medida que seus coralistas adquirem ou aperfeiçoam seu conhecimento musical. Costa (2005, p. 2) ressalta que “para um coro poder alcançar uma boa qualidade musical, seus coralistas devem adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades”. Isso significa, por exemplo, responder sonoramente ao que está sendo pedido pelo regente e usar adequadamente a técnica vocal para alcançar tal resultado sonoro; estabelecer controle respiratório durante o canto; saber ouvir atentamente e reproduzir com exatidão e segurança as melodias de seu naipe; conseguir equilibrar sua voz ouvindo a harmonia das vozes dos outros coralistas. Nisso se dá o entendimento de que o coro constitui um trabalho em equipe, onde cada participante tem responsabilidade individual e os resultados são alcançados de forma cooperativa.

No caso do “coro virtual”, os coralistas foram desenvolvendo outras competências e habilidades para se adaptar aos recursos tecnológicos a distância, vencendo suas próprias limitações e dificuldades, como: controlar seus dispositivos (celulares, *tablets*, *notebooks*); ingressar nas plataformas de videoconferência, ligar e desligar (rapidamente) câmera e microfone; baixar as partituras de um *drive*, de mensagem de *e-mail* ou *site* na internet; acompanhar

os avisos gerais e a programação do coro pelo celular; estudar as partes individualmente com um “áudio-guia” ou “kit de ensaio”;⁹ gravar áudios e vídeos seguindo tutoriais de gravação. É interessante destacar que, nesses processos, muitas vezes o regente-educador também aprendeu com seus alunos-coralistas acerca de recursos tecnológicos, novos programas e aplicativos e novas possibilidades de aprendizado pelos meios digitais. Cernev (2015, p. 184-185), em sua pesquisa de doutorado (realizada antes do contexto de pandemia), observou: “Embora alguns professores discutam as dificuldades de se ensinar frente à complexidade que envolve a evolução dos recursos tecnológicos, [...] as vivências e conhecimentos dos alunos perante a tecnologia podem ser contemplados e facilitar o professor”, em uma aprendizagem amplamente colaborativa. Aqui, mais uma vez, entendemos o contexto de sala de aula dentro da perspectiva do ensaio coral e identificamos o papel do regente-educador no sentido de motivar seus coralistas, por meio de ações construtivas: informando-os acerca dos objetivos a serem alcançados; ressaltando sua importância no grupo; identificando seus interesses e necessidades; levando-os a perceber seus progressos e fornecendo estratégias para a superação das dificuldades.

É interessante, ainda, lembrarmos que muito da motivação dos coralistas advém das apresentações públicas, e antes da pandemia era comum que cada peça estudada viesse a constituir parte de um programa – que futuramente seria cantado para um determinado público, em um determinado evento. Mas, com a suspensão das atividades artísticas em teatros e espaços culturais (onde tradicionalmente os coros se apresentavam), já não há a perspectiva de “ensaiar-para-apresentar”; o regente precisa, então, enxergar uma perspectiva futura dentro de cada peça, isto é, traçar um projeto com objetivo final, e não somente “ensaiar por ensaiar” – o que pode desmotivar os seus coralistas. Por isso, os “vídeos-mosaico” são tão fundamentais nesse período em que não temos apresentações presenciais, mesmo que os resultados artístico-musicais sejam questionáveis e nem sempre convincentes, do ponto de vista da estética técnico-vocal. Mais importante, a nosso ver, é que a atividade coral mantenha a sua própria sobrevivência e que os coralistas permaneçam motivados. Outra vantagem que o “coro virtual” trouxe em relação ao modo presencial diz respeito à visibilidade dos grupos, pela divulgação dos “vídeos-mosaico” – que puderam alcançar um público mais longínquo e diferenciado,¹⁰ indo além dos amigos e familiares dos coralistas que se limitavam ao número de cadeiras de um teatro, por exemplo.

Diante disso, percebemos como é fundamental que o regente saiba como, quando e por que motivar seus coralistas, em situação de pandemia ou diante do “novo normal” que se descortina com o retorno gradual às atividades corais.

⁹ Arquivo de áudio com a melodia individual do naipe, para estudo.

¹⁰ Merece destaque o trabalho do regente Gabriel Machado no Coral Nacional Virtual, congregando milhares de pessoas de diferentes cidades do Brasil em Oficinas gratuitas oferecidas pelo YouTube (cf. https://www.youtube.com/channel/UCMzp8WfLj_3CMqYPMxGIYlg).

Discorreremos, a seguir, sobre outros conceitos ligados à motivação, interpretados à luz do universo coral e observados em nossa pesquisa.

AUTOEFICÁCIA E AUTORREGULAÇÃO CORAL

Analisando esses processos de aprendizagem no “coro virtual”, é possível conectar o desenvolvimento dos coralistas às crenças de autoeficácia. Segundo Mikusova (2013, p. 6), o conceito de autoeficácia “refere-se à expectativa de que é possível, através do esforço pessoal, dominar uma determinada situação e alcançar um resultado desejado”. A autora explica que esse conceito foi introduzido por Alfred Bandura, em 1977, quando este estudava os mecanismos cognitivos que permitiam aos indivíduos ultrapassarem as suas ansiedades. Após realizar uma série de estudos que denominou “teoria social cognitiva”, Bandura comprovou que “a força das convicções de autoeficácia afeta a atitude e o comportamento perante as situações, repercutindo as escolhas que o indivíduo faz, no esforço que despende e na sua persistência perante os obstáculos” (Mikusova, 2013, p. 6). Outros autores interpretam o conceito de autoeficácia na perspectiva da educação, definindo-o como “as crenças dos alunos sobre suas capacidades de organizar e executar cursos de ações requeridos para produzir certas realizações relacionadas aos aspectos intelectuais e de aprendizagem” (Azzi; Polydoro, 2010, p. 136).

Novamente, entendemos aqui os “alunos”, a que os autores se referem, como os coralistas que tiveram que se adequar ao novo formato virtual, bem como direcionar suas práticas, seu tempo e maneira de cantar para as novas necessidades impostas pela pandemia. Para que possamos melhor compreender como se deu esse processo, na visão dos coralistas, analisamos os dados obtidos em uma pesquisa sobre a atividade coral na pandemia, por meio de um questionário estruturado elaborado por regentes¹¹ de várias cidades do Brasil, sendo disponibilizado na plataforma Google Docs e divulgado por meio das redes sociais. Participaram da pesquisa 648 coralistas, de forma anônima, com o intuito de obtermos respostas mais livres e espontâneas. A pesquisa foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2021, ou seja, cerca de dez meses após o início da pandemia – um período razoável para se avaliar o atual contexto, com a situação “virtual” já estabelecida e com certa acomodação da população.

A primeira questão se referiu ao estado emocional dos coralistas e, de modo geral, revelou que eles têm uma percepção positiva de suas condições psicológicas – o que podemos interpretar como um benefício da prática coral.

¹¹ Esse grupo de regentes, cuja reunião é denominada “Papo de regente”, e do qual participa um dos autores deste artigo, se reúne semanalmente pela plataforma Zoom e também se comunica pelo aplicativo WhatsApp. É formado por profissionais de várias cidades do Brasil, abrangendo também regentes brasileiros que residem no exterior, ou o inverso – regentes estrangeiros que residem no Brasil. O grupo começou a se reunir na pandemia, e elaborou o questionário de forma coletiva, enviando-o aos seus próprios coralistas e também a outros regentes. Dessa forma, foi possível a adesão de uma grande quantidade de coralistas, chegando a esse elevado número de respostas.

Já na segunda questão, os participantes indicaram a importância da realização da atividade coral durante a pandemia. A análise quantitativa das respostas indicou que quase todos os coralistas consideram “muito importante” ou “importante” sua participação em um coro; uma porcentagem muito pequena considerou a atividade como “pouco importante”; outra parcela se demonstrou “indiferente” (e, nesses casos, inferimos que o coralista não tem motivação suficiente, ou que motivos pessoais o impedem de aproveitar a atividade coral em sua plenitude).

2 - Qual a importância da atividade coral pra você durante a pandemia?

648 respostas

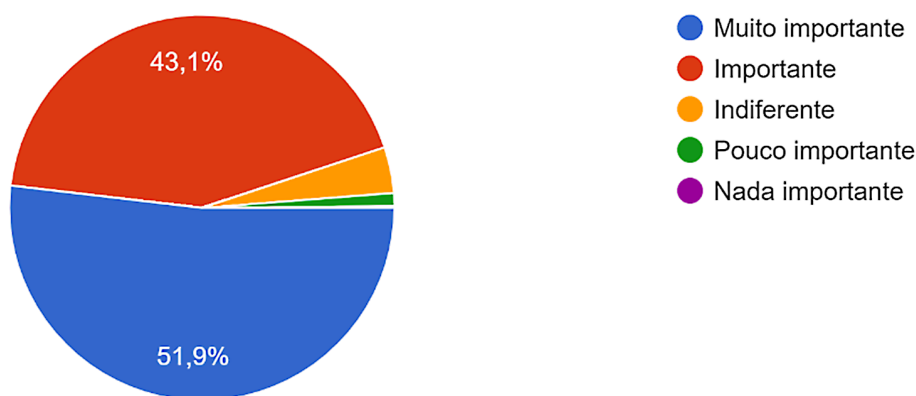


Gráfico 1: Respostas à segunda questão da pesquisa.
Fonte: elaborado pelos autores.

Embora os estados fisiológicos e emocionais dos coralistas diante da pandemia sejam diversificados, podemos afirmar, de modo geral, que esse formato virtual lhes possibilitou a continuidade de participação em uma atividade coral, e que isso impacta positivamente em suas rotinas pessoais.

As respostas dos coralistas à terceira questão – “em relação aos ensaios *on-line*, assinale a(s) resposta(s) que melhor define(m) seu aproveitamento” – que ofereceu a possibilidade de múltipla escolha a respostas induzidas pelos regentes, revelaram que há um esforço coletivo em compreender a situação e buscar positividade nos procedimentos adotados, com empatia, pela grande maioria dos participantes da pesquisa, como podemos perceber na tabela a seguir.¹²

¹² É importante salientar que os participantes da pesquisa poderiam escolher mais de uma resposta nessa questão, razão pela qual a soma das porcentagens é superior a 100%.

Tabela 1: Respostas à terceira questão da pesquisa.
Fonte: elaborado pelos autores.

Porcentagem de respostas (T=648)	Respostas (múltipla escolha)
68,2	Entendo que é uma opção viável no momento.
38,6	Estou me surpreendendo positivamente.
32,4	O formato remoto trouxe ganhos ao meu aprendizado.
24,8	Sinto-me confortável para cantar na frente dos colegas.
24,7	Fico tímido(a), mas isso não me desanima.
23,1	Sinto-me feliz, melhor hora do meu dia/da minha semana.
18,7	Adaptei-me completamente.
18,1	Acho que não rendo muito.
10,5	Sofro, mas aproveito.
5,7	Acho muito confuso.
1,7	Fico intimidado(a) com a exposição da minha vida (não abro a câmera).
1,4	Estou me surpreendendo negativamente.

No formato virtual, os regentes também puderam lançar mão de sua criatividade e bom-humor para incentivar a participação dos coralistas nos ensaios, em atividades não usuais como: intercâmbios com outros coros (juntando regentes e/ou coralistas de grupos diferentes em um único ensaio virtual); “ensaio na cozinha” (onde os coralistas deveriam elaborar um prato enquanto ouviam o ensaio); “visita-surpresa” ou “papo coral” (com a presença de um convidado no momento de ensaio); aulas de técnica vocal ou teoria musical; ações humanitárias ou religiosas (como reuniões de oração); “amigo-secreto”; trocas de experiências entre os coralistas (onde cada um poderia falar sobre um assunto de sua especialidade para os outros); participação do grupo em encontros/festivais virtuais de coros. Essas atividades foram citadas por regentes nos encontros virtuais já mencionados, e também nas respostas à quarta questão da pesquisa, “que formas alternativas e criativas seu/sua regente encontrou para realizar ensaios e apresentações?”. Nessas respostas, inferimos que, por um lado, os coralistas foram receptivos a tais atividades. Mas, por outro lado, por meio das respostas, também foi possível constatar que alguns coros não realizaram ensaios ou atividades a distância.

O formato *on-line* ainda possibilitou que pessoas de lugares muito distantes pudessem participar de um mesmo grupo, gerando novos vínculos e novas amizades. Além disso, muitas pessoas que nunca tinham participado de um coro – geralmente, por falta de oportunidades – e que tinham o sonho de

aprender a cantar, encontraram justamente nos “coros virtuais” a chance de realizar esse sonho, participando diretamente de suas casas. Nos ensaios virtuais, ainda dentro do conceito de autoeficácia, destaca-se a importância de o regente ouvir individualmente cada cantor e prover-lhe um *feedback*, com relação a: afinação, andamento, técnica vocal, fraseado, articulação do texto, interpretação e sonoridade. Apontando os aspectos musicais a serem melhorados, o regente pode contribuir para desenvolver a autoconfiança dos coralistas. Bandura (2008, p. 18) ressalta que o *feedback* “proporciona as informações necessárias para detectar e corrigir diferenças entre concepções e ações. Dessa forma, o comportamento é modificado com base nas informações comparativas, de maneira que as competências desejadas sejam dominadas.” Consideramos o *feedback* fundamental na condução do ensaio pelo regente, pelo fato de não termos ainda a possibilidade de sincronia das vozes como em tempo real, conforme já foi levantado neste artigo (a qualidade – velocidade – da internet, que é muito variável, gera instabilidade na transmissão e recepção de informações, ocasionando o *delay* sonoro). Além disso, as plataformas de videoconferência ainda não desenvolveram melhorias na qualidade acústica, de forma que o timbre eletrônico é muito distante do original e se torna difícil identificar a voz de cada coralista (o que era um procedimento comum em ensaios presenciais).

No parâmetro das crenças de autoeficácia, é perceptível um elevado nível de dedicação e esforço dos participantes no ambiente virtual, ao longo do processo de preparação de uma peça coral: desde o primeiro contato com a partitura – que eles precisam baixar e imprimir por conta própria – até a gravação de sua *performance* para constituir o “vídeo-mosaico”. Somente ao tentar gravar um vídeo executando a sua parte é que o coralista tem dimensão das dificuldades e desafios dessa produção. O ambiente adequado para a gravação, por exemplo, tornou-se um desafio para os coralistas, pois encontrar um local silencioso e com acústica adequada em uma residência não é algo simples: há interferências dos familiares, sons de animais, ruídos de aparelhos eletrodomésticos e veículos, e, por isso, é necessária, sobretudo, muita concentração. Há ainda outros aspectos visuais a serem observados no caso de gravação em vídeo, como: a iluminação, o foco do vídeo, a paisagem de fundo, a qualidade da imagem, dentre outros, como a própria imagem do cantor (roupa, acessórios, cabelo, maquiagem). Entretanto, ao assistirem o “vídeo-mosaico” nas redes sociais e nos festivais virtuais de coros, certamente, os coralistas percebem o quanto são capazes de produzir e têm como prêmio reconhecer-se como parte dessa conquista do coro. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que “quando os indivíduos acreditam que suas ações podem produzir resultados que desejam, eles têm um incentivo para agir e persistir diante das dificuldades” (Azzi; Polydoro, 2010, p. 129).

Um outro conceito que observamos nos processos de ensino e aprendizagem coral é o de autorregulação. Bandura (cf. Polydoro; Azzi, 2008, p. 150) considera que as pessoas são “auto-examinadoras de seu próprio funcionamento cognitivo, afetivo e comportamental” e concebe a autorregulação como “a concepção do papel ativo do indivíduo, que se dá por meio de emissão

de consequências que produzem para si mesmos, do exercício de controle parcial sobre seus pensamentos, sentimentos e ações”. Ainda na concepção do autor,

grande parte do comportamento humano é regulado por consequências auto-avaliadas na forma de auto-satisfação, auto-insatisfação ou autocritica. As pessoas tendem a realizar coisas que geram auto-satisfação e apoio social, evitando comportamentos que contrariam os padrões pessoais de conduta e levam à autodesaprovação [...] a maior satisfação tende a estar associada à realização de atividades consideradas significativas e conquistadas com maior autonomia (cf. Polydoro; Azzi, 2008, p. 156).

No campo da educação musical, entende-se que a autorregulação

é um elemento intrinsecamente relacionado às crenças de auto-eficácia. [...] Diz respeito aos mecanismos a partir dos quais gerenciamos nosso comportamento, motivação, emoção e cognição, variáveis intervenientes ao desenvolvimento musical [...]. Considerar a autorregulação em contextos de prática e aprendizagem musical é conceber que os músicos (em formação ou experts) podem exercer influência direta sobre o seu funcionamento, mudar o curso das ações e alterar o meio no qual se inserem (Araújo; Veloso; Silva, 2019, p. 21-22).

A autorregulação no canto coral pode ser constatada no processo individual de cada coralista em observar como e quando ocorre a sua própria aprendizagem musical, ou seja, qual é o nível de esforço e dedicação necessários e como isso se reflete nos resultados – por exemplo, “quanto eu preciso estudar esse trecho para cantá-lo com segurança?” Nesse viés, dá-se a relação equilibrada entre o investimento necessário para se chegar ao resultado artístico-musical desejado, sem que haja um investimento desnecessário de energia ou de tempo. O canto coral revela o potencial artístico de cada coralista, mas ao mesmo tempo expõe suas dificuldades, medos, anseios e limitações. O regente atencioso pode observar constantemente o comportamento de seus coralistas diante dos desafios que se apresentam, como a leitura de uma nova música, ainda desconhecida, ou um exercício vocal mais difícil (que exige maior concentração e esforço técnico). Nesse sentido, Kohlrausch (2015, p. 89) destaca que o regente pode promover “um maior senso de pertencimento, autonomia e competência”; contudo, é preciso que o regente se volte para as necessidades e motivações do grupo. A autora enfatiza que “um regente não se faz somente com boa técnica e conhecimentos musicais” (Kohlrausch, 2015, p. 90), mas que é preciso estar atento às relações interpessoais, promovendo crescimento e bem-estar psicológico de seus coralistas.

A autorregulação apresenta em sua composição três subprocessos psicológicos, conforme nos apresentam Araújo, Veloso e Silva (2019, p. 21-22, grifo nosso):

(1) Auto-observação, relacionada ao monitoramento do comportamento em determinadas realizações, oferecendo dados para o delineamento de metas e seleção de estratégias; **(2) autoavaliação**, que fornece informações que viabilizam qualificar o desempenho, bem como revisar as metas e estratégias adotadas; e **(3) autorreações**, que ocorrem por meio da autoavaliação, na qual as pessoas realizam inferências concernentes às suas realizações e podem deliberadamente atribuir (ou suprimir) autorrecompensas, visando a valorizar ou reprovar determinadas práticas (aspectos determinantes para a automotivação).

Ao receber instruções sobre a realização de ensaios e gravações, muitas vezes descritas em forma de *tutoriais*, o coralista faz uma auto-observação que lhe possibilita planejar cada passo a seguir, escolher os melhores recursos, a fim de obter um bom resultado em sua performance no coral virtual. Em termos práticos: coralistas agora se valem muito mais dos “áudios-guia” ou “kits de ensaio” para o aprendizado das melodias e valorizam seu estudo individual – fora dos ensaios. Como o regente não está ouvindo seus cantores todo o tempo, estes precisam se autoavaliar constantemente e indicar ao regente quando é necessário repetir um determinado trecho musical que não foi bem assimilado durante o ensaio.

É importante ressaltar que grande parte dos ensaios corais presenciais se fixa na sonoridade do grupo – no equilíbrio das vozes, no *blending*, no timbre de cada naípe, nas articulações precisas e nas colocações uniformes de vogais, por exemplo –, e no modo virtual esse trabalho minucioso não faz nenhum sentido, uma vez que o “som de grupo” não existe. Mesmo com a utilização de programas que procuram oferecer o mínimo de *delay* nas respostas e filtros de ruídos, ainda falta muito para chegarmos a uma imitação precisa do timbre da voz humana acústica e da simultaneidade do canto em conjunto que se realiza em um único espaço físico.

Nesse contexto, a prática coral desperta nos coralistas um olhar introspectivo, que está muito mais em evidência nesse momento virtual; assim, não é incomum que os coralistas façam mais críticas em relação a si mesmos, e mais particularmente, à sua voz (que antes era ouvida somente no contexto do grupo). A atuação que antes era muito mais apoiada no outro – o companheiro de naípe, ou mesmo o regente – hoje é muito próxima à atuação solista, onde cada um é responsável por sua própria performance, em um contínuo processo de autoavaliação.

Nos dados levantados pela nossa observação participante, foi possível constatar que, ao serem inseridos na realidade virtual, os coralistas conquistaram mais autoconfiança no fazer musical e, conseqüentemente, o regente se tornou mais capacitado para atuar nesse contexto. Juntos, regentes e coralistas aprenderam a utilizar diversos recursos tecnológicos e desenvolveram novas formas de cantar, com o propósito de fazer música em conjunto – pois esse propósito permanece como a essência do canto coral, seja ele presencial ou virtual, conectando coralistas consigo mesmos e com os outros.

Como ressalta Gaborim-Moreira (2020, p. 1), o canto coral não corre o risco de ser extinto ou substituído, pela ausência de ensaios presenciais, pois os fatores inerentes a ele são essencialmente preservados:

O caráter de plasticidade do canto coral – que se comprova por sua rápida adaptação à situação de pandemia, significa inovação e um alto poder de resiliência. Contudo, ainda não temos uma tecnologia que vença os limites da latência (delay) e que nos ofereça um som vocal mais fidedigno, então podemos dizer que o coro é uma arte tão evoluída, que a tecnologia ainda não conseguiu acompanhar... Isso ainda confirma a condição humana do Canto Coral, e nos convence de que não há coisa alguma que o substitua, nem qualquer ameaça à sua extinção pelos avanços tecnológicos ou internéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “coro virtual” foi a maneira alternativa que os regentes encontraram para motivar os seus coralistas a prosseguirem com seu aprendizado musical em tempo de pandemia. Manter a saúde vocal, continuar cantando e participando de um grupo pode ser um indicativo de enfrentamento à insegurança e do sentimento de cooperação e solidariedade. Cabe ao regente conduzir esse processo, e ele mesmo precisa estar convencido de que está motivado para isso, em um exercício permanente de autoconhecimento e autodeterminação – virtudes essas que fazem dele um verdadeiro líder e autêntico educador musical.

Analisando-se o contexto de transição dos ensaios presenciais para os ensaios virtuais, percebeu-se a preocupação dos regentes em manter a estrutura de seus ensaios: trabalhar questões técnicas do instrumento – a voz; desenvolver a linguagem e a expressão musical juntamente com as habilidades de ouvir e cantar; e construir o conhecimento teórico-prático musical em exercícios e repertórios específicos. Essa estrutura precisou ser adaptada ao contexto de uma sala virtual e, a nosso ver, a principal dificuldade dos regentes foi a ausência de um retorno sonoro coral, ou seja, ouvir as vozes acústicas soando em conjunto em um mesmo tempo-espço.

Em uma atitude constante de resiliência, o regente também precisou motivar seus cantores a permanecer nesse estranho formato coral não presencial, a vencer todos os obstáculos do desconhecimento dos meios e recursos tecnológicos e, ainda, a superar a falta de contato físico entre os pares, por causa da necessidade de isolamento social. Ainda é cedo para avaliar se o “coral virtual” se firmará como uma possibilidade de manter pessoas fisicamente distantes cantando em grupo, quando essa for a sua única opção, ou quando se fizer necessária por uma determinada causa.

Sem dúvida, a pandemia foi um momento ímpar de investimento na formação e capacitação de regentes, o que levou a um certo crescimento da área em âmbito internacional – de um modo não convencional – sobretudo em termos de pesquisa e difusão de conhecimento teórico e prático.

Por meio da observação participante, constatamos que, em muitos aspectos, a concepção de “coro” – com suas características e modos próprios de se fazer música – se ampliou e representou uma renovação no meio artístico. Ao mesmo tempo, esse jeito diferente de se cantar em conjunto – com seus participantes fisicamente distantes – revelou distintos modos de aprendizagem musical. Percebeu-se que a utilização das ferramentas tecnológicas, de maneira geral, otimizou o tempo reservado aos ensaios e, simultaneamente, promoveu maior autonomia dos coralistas – o que pôde ser avaliado à luz da psicologia, de maneira breve (em virtude das delimitações deste artigo), por meio dos conceitos de motivação, autoeficácia, autorregulação e seus derivados.

Por fim, neste artigo procuramos apresentar um breve panorama da atividade coral brasileira em nossos dias, levando em conta o contexto pandêmico. Buscamos compreender como ocorrem os novos processos de ensino-aprendizagem coral – que ainda estão em fase de experimentação e construção, mas que já têm apresentado resultados positivos. A bibliografia na área do canto coral ainda é centrada na metodologia desenvolvida para os ensaios presenciais, contudo, surgem aos poucos trabalhos de pesquisa apoiados nas novas tendências da educação musical, levando em consideração os meios e recursos tecnológicos. Nossa esperança é que em breve tenhamos o retorno pleno às atividades presenciais; porém, já criamos a expectativa de que muitos procedimentos adotados na pandemia sejam incorporados à rotina dos coros, dentro do que podemos esperar como “novo normal”. Esse horizonte é incerto, mas nos traz esperança, pelo simples fato de que um coro ainda poderá cantar – sentir, ouvir, criar, compartilhar, interpretar e apresentar essa arte denominada “música coral” – mesmo em situações adversas. E, dessa maneira, os regentes podem continuar firmes em sua missão de contribuir para o desenvolvimento integral do ser humano.

REFERÊNCIAS

AMERICAN CHORAL DIRECTORS ASSOCIATION. *COVID-19 Response Committee report*: June, 15 2020. [S. l.]: ACDA, 2020. Disponível em: <https://acda.org/wp-content/uploads/2020/06/ACDA-COVID-19-Committee-Report.pdf>. Acesso em 16 de mai. 2021.

AMORIM, Jefferson Nunes de; MARINS, Paulo Roberto Afonso. O ensino do contrabaixo elétrico e as novas ferramentas tecnológicas: um estudo de caso na Escola de Música de Brasília. In: ENCONTRO REGIONAL CENTRO-OESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 13., 2014, Campo Grande. *Anais [...]*. [S. l.]: Abem, 2014. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_erco/v1/papers/568/public/568-2530-1-PB.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, Rosane Cardoso. Motivação para prática e aprendizagem da música. In: ARAÚJO, Rosane Cardoso; RAMOS, Danilo (org.). *Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical*. Curitiba: Editora UFPR, 2015. p. 45-58.

ARAÚJO, Rosane Cardoso; VELOSO, Flávio Dênis Dias; SILVA, Flávia de Andrade Campos. Criatividade e motivação nas práticas musicais: uma perspectiva exploratória sobre a confluência dos estudos de Albert Bandura e Mihaly Csikszentmihalyi. In: ARAÚJO, Rosane Cardoso (org.). *Educação musical: criatividade e motivação*. Curitiba: Appris, 2019. p. 17-40.

AZZI, Roberta Gugel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge. O papel da auto-eficácia e autorregulação no processo motivacional. In: BORUCHOVITCH, Evelyn.; BZUNECK, José Aloyseo; GUIMARÃES, Suely E. R. (org.). *Motivação para aprender: aplicações no contexto educativo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 126-144.

BANDURA, Albert. A evolução da teoria social cognitiva. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gugel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (org.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 15-42.

BELTRAME, Juciane Araldi. Transformações tecnológicas e desafios na formação e atuação de professores de música. *Hipertextus Revista Digital*, [s. l.], v. 11, p. 2-23, dez. 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/38702172/07-Hipertextus-Vol11-Juciane-Araldi.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

CANTAPUEBLO. *Conversatorio: la actividad coral desde el contexto del covid-19. encuentro virtual*. [S. l.], 17 abr. 2020. Facebook: CANTAPUEBLOoficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/CANTAPUEBLOoficial/photos/pcb.2850806241692977/2850775141696087/>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CERNEV, Francine Kemmer. *Aprendizagem musical colaborativa mediada pelas tecnologias digitais: motivação dos alunos e estratégias de aprendizagem*. 2015. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

COSTA, Paulo Rubens Moraes. *Diagnose em canto coral: parâmetros para análise e ferramentas para a avaliação*. 2005. Dissertação (Mestrado em Musicologia) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CUNHA, Glória; MARTINS, Maria Cecília. Tecnologia, produção e educação musical: descompassos e desafinos. In: CONGRESSO DA REDE IBEROAMERICANA DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 4., 1998, Brasília. *Anais [...]*. [S. l.: s. n.], 1998. Disponível em: http://www.ufrgs.br/niece/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/235.pdf. Acesso em: 20 jul. 2021.

DELORS, Jacques; AL-MUFTI, In'am; AMAGI, Isao; CARNEIRO, Roberto; CHUNG, Fay; GEREMEK, Bronislaw; GORHAM, William; KORNHAUSER, Aleksandra; MANLEY, Michael; QUERO, Marisela Padrón; SAVANÉ, Marie-Angélique; SINGH, Karan; STAVENHAGEN, Rodolfo; SUHR, Myong Won; NANZHAO, Zhou. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. Canto coral se reinventa na pandemia. *O Progresso*, Dourados, ano 70, n. 13.275, 12 dez. 2020. Caderno B, p. 1. Disponível em: <https://www.progresso.com.br/edicao-impressa/2920/12-12-2020/>. Acesso em: 14 dez. 2020.

GOHN, Daniel. Educação musical a distância: possibilidades de uso das tecnologias. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Música da UnB*, Brasília, ano 4, v. 1, p. 7-22, dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/Musica/article/view/11060>. Acesso em: 20 jul. 2021.

GOHN, Daniel Marcondes. *Educação musical a distância: abordagens e experiências*. São Paulo: Cortez Editora, 2014.

GREGSON, Florence K. A.; WATSON, Natalie A.; ORTON, Christopher M.; HADDRELL, Allen E.; MCCARTHY, Lauren P.; FINNIE, Thomas J. R.; GENT, Nick; DONALDSON Gavin C.; SHAH, Pallav L.; CALDER, James D.; BZDEK, Bryan R.; COSTELLO, Declan; REID, Jonathan P. Comparing aerosol concentrations and particle size distributions generated by singing, speaking and breathing. *Aerosol Science and Technology*, [s. l.], v. 55, n. 6, p. 681-691, 2021. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/02786826.2021.1883544>. Acesso em: 15 jul. 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE ÓPERA, DANÇA E MÚSICA DE CONCERTO. Comissão de Saúde do Cantor Lírico. *O cantor lírico e a COVID-19*. [S. l.]: FBODM, [2020]. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/472562949/Cartilha-O-cantor-lirico-e-a-COVID-19-1>. Acesso em: 16 maio 2021.

FUCCI-AMATO, Rita de Cássia. Ensaio coral a distância (ECaD) ou tele-ensaio: uma nova forma de organização de trabalho e uma nova ferramenta pedagógica para o canto coral? In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 21., 2011, Uberlândia. *Anais [...]*. Uberlândia: Anppom: UFU, 2011. p. 519-525.

HAUCK-SILVA, Caiti. *Preparação vocal em coros comunitários: estratégias pedagógicas para construção vocal no Comunicantus: Laboratório Coral do Departamento de Música da ECA-USP*. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

JUNKER, David. *Coro Sinfônico Comunitário da UnB: uma história de vozes e vidas*. Brasília: Escritório de Histórias, 2010. (Coleção Panoramas da Regência Coral).

KÄHLER, Christian; HAIN, Rainer. *Cantar em coros e fazer música com instrumentos de sopro: isso é seguro durante a pandemia de SARS-CoV-2?*. Trad. Regina M. Amaral. Neubiberg: Universität der Bundeswehr München, 2020. Disponível em: https://www.unibw.de/lrt7-en/fazer_musica_durante_a_pandemia_da_sars-cov-2.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

KOHLRAUSCH, Daniela Barzotti. *Prática coral e motivação: o ambiente coral na percepção do corista*. 2015. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

KRÜGER, Susana Ester. Educação musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes. *Revista da Abem*, Porto Alegre, n. 14, p. 75-89, 2006.

LAKSCHEVITZ, Eduardo. E agora, coral?. In: ORGANIZANDO a cantoria. Rio de Janeiro: Eduardo Lakschevitz, maio 2020. Disponível em: https://www.organizandoacantoria.com/_files/ugd/8a2d8a_ab8ae867691a470594d729f9e6793da6.pdf. Acesso em: 15 maio 2021.

LEME, Gerson Rios. *Professores de escolas de música: um estudo sobre a utilização de tecnologias*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

MARIETTO, Márcio Luiz. Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos. *Revista Ibero-Americana de Estratégia*, [s. l.], v. 17, n. 4, p. 5-18, 2018.

MIKUSOVA, Katerina. *Crenças de autoeficácia no desenvolvimento de alunos de música*. 2013. Dissertação (Mestrado em Ensino da Música) – Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2013.

MONTEJANO HERNÁNDEZ, Yolanda; ROJAS PEDRAZA, Gabriel. Música maestro, escenarios virtuales en tiempos del COVID-19. *Perifèria: revista d'investigació i formació en antropologia*, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 154-166, 2020. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/periferia/periferia_a2020v25n2/periferia_a2020v25n2p154.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

MORAES, Davi Silvino. *Formação humana e musical através do canto coral: um estudo de caso no Coral da UFC*. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

POLYDORO, Soely Aparecida Jorge; AZZI, Roberta Gugel. Auto-regulação: aspectos introdutórios. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gugel; POLYDORO, Soely Aparecida Jorge (org.). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 149-164.

RAMOS, Marco Antonio da Silva. *Ensino da regência coral*. Tese (Livre-docência) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SANTOS, Eldom Soares. *A aprendizagem musical e o uso das TIC em uma comunidade de prática: uma pesquisa-ação no coral Ad Infinitum*. 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Música, Universidade de Brasília, 2019.

SANTOS, Eldom Soares; VALE, Sara P. S. do. Coral Ad Infinitum: experiências memoráveis com o auxílio das tecnologias da informação e comunicação. *Revista Eixo*, Brasília, v. 7, n. 2, p. 21-29, 2018.

SCHMELLING, Agnes. *Cantar com as mídias eletrônicas: um estudo de caso com jovens*. 2005. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SCHRAMM, Rodrigo. Tecnologias aplicadas à educação musical. *RENOTE*, [s. l.], v. 7, n. 2, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/13700>. Acesso em 15 jul. 2021.

SCHWARTZ, Suzana. *Motivação para ensinar e aprender: teoria e prática*. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Ana Maris Goulart. *O sujeito cantante: reflexões sobre o canto coral*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SOUZA LIMA, Maria José Chevitarese. *O canto coral como agente de transformação sociocultural nas comunidades do Cantagalo e Pavão-Pavãozinho: educação para liberdade e autonomia*. 2007. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Recebido em 29/08/2021, aprovado em 07/03/2022

Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira é doutora em Artes-Música pela Universidade de São Paulo (USP); mestre em Música e bacharela em Composição e Regência pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professora efetiva do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Mato Grosso do sul (UFMS) desde 2006, nas áreas de Regência, Canto Coral, Regência de Coro Infantojuvenil, Fisiologia e Técnica Vocal. Integra o corpo docente do Mestrado Profissional PROF-ARTES (Udesc/UFMS), do curso de Especialização em Regência da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e dos Painéis de Regência da Funarte. É regente e coordenadora dos projetos de extensão “PCIU – Projeto coral infantojuvenil da UFMS” e “CanteMus – laboratório da voz”. Coordena o Grupo de Pesquisa em Educação e Prática Musical (GPEP), integra o GEPEMAC/USP e o G-PEM/Unesp e integra a comissão organizadora do Congresso Internacional de Música Coral Infantojuvenil (CIMUCI). Atuou como representante regional da Abem e integra a diretoria da atual gestão da Associação Brasileira de Regentes de Coros (ABRACO). É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Mato Grosso do Sul (AFLAMS). <https://orcid.org/0000-0002-8297-0806>

Alex Barbosa de Lima possui graduação em Educação Física – Licenciatura Plena pelas Faculdades Integradas Fátima do Sul (FIFASUL); em Música – Licenciatura em Educação Musical pela Universidade Federal de Mato Grosso do sul (UFMS). Especialista em: Pedagogia Crítica em Educação Física pela UFMS; Ensino de Arte pela Faculdade UniBF; Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão pela UniBF; Gestão em Segurança Pública e Defesa Social pela Faculdade de Chapadão do Sul (FACHASUL); Defesa Civil pela Unileya wPós; Educação do Campo pela Faculdade FETAC. Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, atuando nas disciplinas de Educação Física, Iniciação às Práticas Esportivas, Expressão Corporal e Arte. Aluno do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes) da UFMS. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Prática Musical (GPEP Musical) da UFMS. Colaborador da ação de cultura “CanteMus – laboratório da voz”, como coralista. <https://orcid.org/0000-0003-0578-6455>